



Ponto Urbe

Revista do núcleo de antropologia urbana da USP

9 | 2011

Ponto Urbe 9

Observações do não-observável: breve relato sobre o I Encontro “Ayahuasca e o Tratamento da Dependência”

Katerina Volcov, Henrique Antunes, Roberta Costa and Marcelo S. Mercante



Publisher

Núcleo de Antropologia Urbana da
Universidade de São Paulo

Electronic version

URL: <http://pontourbe.revues.org/1948>

DOI: 10.4000/pontourbe.1948

ISSN: 1981-3341

Electronic reference

Katerina Volcov, Henrique Antunes, Roberta Costa e Marcelo S. Mercante, « Observações do não-observável: breve relato sobre o I Encontro “Ayahuasca e o Tratamento da Dependência” », *Ponto Urbe* [Online], 9 | 2011, posto online no dia 14 Agosto 2014, consultado o 05 Outubro 2016. URL : <http://pontourbe.revues.org/1948> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1948

This text was automatically generated on 5 octobre 2016.

© NAU

Observações do não-observável: breve relato sobre o I Encontro “Ayahuasca e o Tratamento da Dependência”

Katerina Volcov, Henrique Antunes, Roberta Costa and Marcelo S. Mercante

AUTHOR'S NOTE

Os autores são membros do Grupo NauConsciência, coordenado por Marcelo S. Mercante. Este grupo é parte do NAU – Núcleo de Antropologia Urbana – da USP, que por sua vez é coordenado pelo prof. José Guilherme Magnani. O NauConsciência conta ainda com a participação de Fernanda Escanho e de Álvaro Russo, graduandos em Ciências Sociais da USP.

- 1 “Dá pra se livrar do vício em drogas usando outra? Como é que uma substância alucinógena pode tratar da dependência? Ayahuasca é droga? E o usuário em drogas ou álcool pode ficar viciado em ayahuasca? Como é esse tratamento? Ele funciona mesmo?” Essas são apenas algumas das perguntas que surgem imediatamente ao abordar essa temática. O I Encontro “Ayahuasca e o Tratamento da Dependência”¹[2], evento realizado entre os dias 12 e 14 de setembro de 2011, no Anfiteatro da Geografia da Universidade de São Paulo. O evento contou com a presença de antropólogos, psiquiatras, médicos, religiosos de matrizes diversas, pesquisadores de diversas áreas e representantes de centros de tratamento do Brasil, Peru, Argentina e Uruguai. Com o auditório repleto em todos os períodos, o encontro reuniu vozes e atores diferentes, algumas até destoantes, que afirmaram juntas a necessidade de estudos sobre o tema.
- 2 O evento foi um marco importante no atual debate sobre a ayahuasca e seus usos, problematizando uma questão central nas práticas ayahuasqueiras: o seu caráter terapêutico. O tema, por si só, é árido e controverso. Relacionar a (já polêmica) ayahuasca

a um problema social como a dependência, pode não ser tarefa fácil, mas é, sem dúvida, instigante.

- 3 Ayahuasca é uma bebida psicoativa feita a partir do cozimento do cipó *Banisteriopsis caapi* com folhas do arbusto *Psychotria viridis*. Essa mistura é utilizada por diversas etnias indígenas da Amazônia, instituições religiosas como Santo Daime, Barquinha e União do Vegetal, e, há algumas décadas seu uso proliferou nos grandes centros urbanos brasileiros de diversas formas, que incluem desde a utilização em workshops musicais até práticas associadas ao neoxamanismo. Nas folhas de *Psychotria*, encontramos a DMT (dimetiltryptamina) como princípio ativo. O cipó, por sua vez, possui o beta-carbolinas, que agem como inibidores da enzima monoaminoxidase (MAO). Esta combinação age nos níveis de serotonina no cérebro, causando forte modificação perceptiva a quem prova desta bebida.
- 4 O Conselho Nacional de Políticas sobre Drogas (Conad) reconheceu a legitimidade do uso religioso da ayahuasca em maio de 2004; em novembro de 2006, aprovou os “princípios deontológicos” para este uso da bebida, e em 2010 finalmente o uso religioso da ayahuasca no Brasil foi regulamentado. Não é novidade a dificuldade de delimitar fronteiras entre uso religioso e terapêutico, porém a resolução afirma:

Qualquer prática que implique utilização de Ayahuasca com fins estritamente terapêuticos, quer seja da substância exclusivamente, quer seja de sua associação com outras substâncias ou práticas terapêuticas, deve ser vedada, até que se comprove sua eficiência por meio de pesquisas científicas (...).
- 5 A delimitação imposta por esta regulamentação, aliada aos diversos problemas relacionados à dependência e seu tratamento, põe em evidência a relevância desse primeiro Encontro. Por exemplo, há um constante avanço da utilização de crack por diversos setores da sociedade brasileira, somado a um intenso furor da mídia sobre o tema, que têm levado à adoção de algumas medidas controversas, e muitas vezes pouco pautadas em pesquisas científicas como: o aumento de diversas denúncias relacionadas à clínicas particulares para dependentes², como espancamentos, privação de liberdade, obrigação de participar de culto religioso, etc.; assim como a política de internação compulsória, já em voga em algumas cidades brasileiras. Prova da dimensão dessa questão é o *Plano de Enfrentamento ao Crack*, lançado nos últimos dias pelo Governo Federal, que prevê investimentos na ordem de R\$ 4 bilhões até 2014³. Ou seja, as drogas têm sido palco de grande atenção e consideradas um problema de saúde pública.
- 6 Nessa perspectiva, trazer à luz uma nova possibilidade de tratamento para a dependência é algo que chama a atenção de usuários de drogas e suas famílias, assim como estudiosos do assunto. No fim das contas, o Encontro teve como um de seus objetivos promover novos olhares e um contato com o que não tem sido observado, nem divulgado pelo *mainstream* da ciência e mídia locais, isto é, quebrar paradigmas, oferecer novas possibilidades para quem sofre com o problema e desmistificar procedimentos. O foco era observar de perto o não-observável.
- 7 A possibilidade de discutir e relativizar o uso e os conceitos como “drogas”, “dependência” e “cura”, devido às representações sociais do que cada uma dessas palavras sugere no senso comum, é uma importante oportunidade de ampliação de horizontes e busca de alternativas para um sério problema de nossa sociedade. Diante disso, este primeiro Encontro propôs apresentar os limites e as possibilidades do uso da ayahuasca para um tratamento desintoxicante e de cura; a visão e a abordagem do problema por diversos centros de tratamento espalhados pelo Brasil e América do Sul; o uso da ayahuasca junto

às populações em situação de vulnerabilidade como, por exemplo, o tratamento oferecido às pessoas em situação de rua; os conceitos que subjazem o uso da substância para esses fins, isto é, em que medida é droga ou não e, se não é, o que é então; como trabalhar com uma bebida que possui rituais de uso específicos na sua utilização em um contexto urbano; quais são as fronteiras entre o ritual e a terapia; o papel do corpo e da experiência no próprio corpo com o uso da ayahuasca em um tratamento para a dependência e, por fim, a legalidade do uso e as políticas públicas que acercam o tema.

- 8 Um dos destaques do evento foi a apresentação das experiências de diversos centros de tratamento e suas respectivas visões e abordagens ao problema da dependência. Nesta ocasião, além da unanimidade dos palestrantes em afirmar a necessidade em pesquisas do gênero e nas abordagens que levem em conta o tripé físico, psíquico e espiritual, cada um dos presentes na mesa pôde relatar as especificidades de seu trabalho junto aos dependentes.
- 9 O centro *Takiwasi*, por exemplo, que fica na Amazônia peruana e foi fundado em 1992 por Jacques Mabit, médico francês, foi o pioneiro nesse tipo de tratamento e referência no assunto. O tratamento em *Takiwasi* tem no uso do ritual da ayahuasca seu cerne; mas há, também, o emprego de diversas outras “terapêuticas”, como: “dietas” onde o paciente fica isolado oito dias, utilizando plantas escolhidas conforme a pessoa e seu momento no tratamento; “purgas” que são sessões com plantas vomitivas feitas, necessariamente, no dia anterior ao uso da ayahuasca com o intuito de limpeza. Psicoterapia individual e em grupo, biodança, arteterapia, psicodrama, são algumas das atividades apresentadas no centro. Cotidianamente, os pacientes do centro também contam com a ergoterapia, que consiste em trabalhos físicos em grupo, para limpeza e manutenção do espaço. Outro exemplo de tratamento exposto foi o do *Centro de Recuperação Caminho de Luz* que, por sua vez, está localizado em Rio Branco, Acre, e foi fundado há 18 anos por José Muniz. Esse centro, em suas três unidades, chega a abrigar cerca de cem internos de uma vez. A Sesacre (Secretaria de Saúde do Estado do Acre) via Cades (Central de Articulação das Entidades de Saúde do Acre) é parceira do centro ajudando, inclusive financeiramente, com a proposta do internato.
- 10 No Brasil temos ainda o *Pronto-socorro do Céu Sagrado*, igreja do Santo Daimé localizada em Sorocaba e sua “cria” *Igreja Céu da Nova Vida*, em Curitiba, dirigidas, respectivamente, pelos irmãos Fernando e Luciano Dini, e por André Volpe – que após tratar sua dependência de cocaína no *Céu Sagrado* deu seguimento este trabalho em Curitiba. Estiveram também presentes representantes de duas outras instituições que já realizaram tratamento de dependência com ayahuasca, principalmente em população em situação de rua: a *Associação Beneficente Luz de Salomão*, dirigida pelo psiquiatra Wilson Gonzaga e a *Unidade de Resgate Flor das Águas Padrinho Sebastião* dirigida por Walter de Lucca.
- 11 Na América do Sul também há outros exemplos de tratamento com ayahuasca. Além da já citada *Takiwasi* (que fica no Peru), também estavam presentes no Encontro a *Fundación Mesa Verde* na figura de Néstor Berlanda (Argentina); a *Fundación El Emilio*, na figura de Cesar Rabbat (Argentina); e, representado por Santos Victorino Oreggioni Osoreo, o *Instituto Espiritual Chamánico Sol de La Nueva Aurora* (Uruguai).
- 12 O palestrante César Rabbat, da *Fundación El Emilio*, localizada em Córdoba, Argentina, iniciou seus trabalhos com base na sua experiência pessoal em *Takiwasi*. Sua instituição segue princípios comuns como a dieta e a internação, contudo não se utiliza de uma religião específica para o enfoque espiritual. Eles trabalham com uma cosmovisão dos povos originais que habitavam a terra onde se localiza o centro. A dieta oferecida ao

- interno consta de plantas naturais da Cordilheira dos Andes e arredores e também são oferecidas atividades como horticultura, estudos sobre botânica e prática de yoga aos internos. Diferentemente dos demais, a Fundación El Emilio tem capacidade máxima de atendimento de seis pessoas por vez. Para ele, o trabalho realizado é feito de maneira personalizada e exclusiva a fim de que o ‘paciente’ possa ter todo o acolhimento necessário para sua reabilitação. Contudo, para El Emilio, ninguém é responsável pela cura de outrem. “A pessoa se salva”, esclarece Rabbat, que também foi usuário de drogas.
- 13 Por sua vez, a Fundación Mesa Verde, situada em Rosario, na Argentina, apesar de não realizar trabalhos focados diretamente com dependentes em drogas, já desenvolveu atividades junto a adolescentes e obteve bons resultados. Néstor Berlanda, psiquiatra e um dos responsáveis da organização desta instituição, comentou que percebeu no decorrer de seus anos de prática psiquiátrica junto a pessoas com depressão ou outros transtornos que, seis a sete sessões com ayahuasca, em rituais xamânicos, promovem uma melhora bastante significativa do quadro do paciente em tratamento psiquiátrico. Ele também mencionou que nesses 16 anos de experiência da Fundación, o uso da ayahuasca junto a adolescentes lhe demonstrou que esses jovens com menos de 18 anos, ao usarem a bebida, realizavam uma espécie de rito de passagem para a maturidade. Segundo Berlanda, se antes as moças e os rapazes eram considerados adolescentes irresponsáveis e desrespeitosos, após a experiência com o uso do chá, esses mesmos jovens mudavam de atitude para com seus pais e delineavam novas perspectivas quanto ao seu próprio futuro. “A experiência los centra”, afirmou.
- 14 Apesar dos benefícios promovidos pelo uso da ayahuasca, a Argentina não tem uma regulamentação sobre a bebida e, por conta disso, há uma grande dificuldade em obter ayahuasca para fins dessa natureza. A Fundación El Emilio chegou a ser invadida pela polícia algumas semanas antes do Encontro, durante uma sessão de ayahuasca, tendo sido a bebida apreendida pelos policiais.
- 15 Essa mesma dificuldade também é percebida por Santos Victorino Osores, do Instituto Espiritual Chamânico Sol de La Nueva Aurora, localizado em Montevideo, no Uruguai. Para ele, ainda há um grande desconhecimento da ayahuasca e seus usos em seu país, assim como não há uma legislação referente à utilização e produção.
- 16 Além de contar com a presença de intelectuais de diversas áreas do conhecimento e representantes de grupos que trabalham com terapias no uso da ayahuasca, o evento inovou ao trazer para o debate pessoas que passaram pelo tratamento terapêutico, viabilizando em primeira mão relatos potenciais terapêuticos da ayahuasca, principalmente no que diz respeito ao tratamento de dependentes químicos.
- 17 O encontro também propiciou um debate que abordou os limites e fronteiras entre conceitos importantes na trajetória do pensamento antropológico contemporâneo, como as noções de cura e ritual. Não somente os potenciais terapêuticos da ayahuasca estavam em jogo, mas as próprias convenções médicas e acadêmicas concernentes aos procedimentos terapêuticos, as concepções de terapia, corpo e cura, demonstrando que o debate permanece aberto, tem implicações políticas importantes e necessita integrar uma pluralidade de concepções que cada vez mais ganham espaço no âmbito das práticas terapêuticas que culminam em políticas de saúde pública.
- 18 Nesse contexto, as noções de *droga* e *populações em situação de vulnerabilidade* também foram problematizadas ao longo do evento, apontando para o caráter político por trás da utilização de determinadas noções que atrelam a questão do uso de substância psicoativa

à criminalidade e às pessoas que se encontram em condições precárias de vida. De fato, ao longo dos debates ficou claro que determinados termos utilizados com frequência nas abordagens sobre a problemática em pauta contribuem para associar a questão dos psicoativos, sobretudo, às políticas de segurança pública, negligenciando a importância de tratar a questão sob o enfoque das políticas de saúde pública. Assim, o enfoque do evento não foi defender a eficácia do tratamento terapêutico com a ayahuasca, mas apontar à necessidade de uma quantidade maior de pesquisas de cunho biomédico, social, psicológico e antropológico, para aprofundar o campo do conhecimento sobre a ayahuasca e o debate sobre as políticas de tratamento de dependentes.

NOTES

1. O Encontro foi realizado através de uma parceria entre o Departamento de Antropologia da USP, o Núcleo de Antropologia Urbana da USP (NAU), o Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre Psicoativos (NEIP) e a Associação Brasileira de Estudos Sociais do Uso de Psicoativos (ABESUP) e contou com a seguinte comissão científica: Dr. Marcelo S. Mercante (USP), Dr. José Guilherme C. Magnani (USP), Dr. Edward MacRae (UFBA) e Dr. Beatriz Caiuby Labate (Universidade de Heidelberg).

2. Conselho Federal de Psicologia, 2011. Relatório da 4ª Inspeção Nacional de Direitos Humanos: locais de internação para usuários de drogas. Brasília: Conselho Federal de Psicologia. Disponível em www.cfp.org.br

3. AQUINO, Y. & LABOISSIÈRE. Governo lança plano de combate ao crack; investimentos chegam a R\$ 4 bi até 2014. Agência Brasil, 07. Dezembro.2012. Disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2011-12-07/governo-lanca-plano-de-combate-ao-crack-investimentos-chegam-r-4-bi-ate-2014#.Tt-P6EEQ-48.twitter> Para uma crítica ao Plano, ver: Medeiros, R. G., 2011. Para além dos slogans: plano de enfrentamento ao crack. Coletivo DAR. Disponível em: <http://coletivodar.org/2011/12/para-alem-dos-slogans-plano-de-enfrentamento-ao-crack%E2%80%8F/>

AUTHORS

KATERINA VOLCOV

Mestre em Ciências pela Unifesp

HENRIQUE ANTUNES

Mestrando em Antropologia pela USP

ROBERTA COSTA

Graduanda em Ciências Sociais pela USP

MARCELO S. MERCANTE

Pós doutorando no Departamento de Antropologia, USP